

**ESTRANGEIRISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA:  
UMA VISÃO HISTÓRICA**

*Messias dos Santos Santana (UESPI)*  
[messiasdsantana@click21.com.br](mailto:messiasdsantana@click21.com.br)

**1. Introdução**

O Projeto de Lei 1676/1999, de autoria de Aldo Rebelo, causou um grande alvoroço no âmbito das discussões sobre a língua portuguesa, sobretudo porque coloca como uma de suas propostas a proteção e a defesa da língua portuguesa.

É importante destacar que muitas das discussões sobre o estrangeirismo na língua portuguesa – inclusive as que surgiram a partir do referido projeto – nos tempos atuais desconsideram o fato de esta língua ser resultado de um longo processo histórico que conjuga mudanças linguísticas e contatos entre povos diversos falantes de línguas também diversas entre si, concentrando-se, sobretudo, em discussões acerca de questões como deterioração/não deterioração da língua portuguesa, necessidade/não necessidade de tais empréstimos ou, ainda, de inferiorização cultural por causa do uso de tais palavras estrangeiras.

Visa-se, portanto, aqui, a estabelecer uma discussão através da qual seja possível demonstrar a incorporação ao léxico português (e, desse modo, a presença nele) de palavras originadas de diferentes línguas, em diferentes momentos de sua história, o que configuraria a presença de estrangeirismo na língua portuguesa como algo bastante recorrente.

Nesse sentido, faz-se importante caracterizar a origem da língua portuguesa, o que é também a origem de seu léxico, conforme se fará brevemente a seguir.

**2. Origem da língua portuguesa e formação de seu léxico**

Originada da língua latina, que, por sua vez, se origina da língua indo-europeia, a língua portuguesa resulta de um longo processo de transformações que ocorreram no latim falado na parte ocidental da Península Ibérica, que para lá foi levado, através da expansão territorial empreendida por Roma, por volta do início do século II a.C.

Ora, os romanos quando chegam a essa região vão encontrar já outros povos que nela habitam, conforme afirma Machado (1967, p. 5): “De seguro apenas se conhece que nas épocas pré-romanas muitos povos moravam na Península Pirenaica [...]”. Dentre esses povos, o mesmo Machado (*op. cit.*, p. 6 e ss) aponta os lígures, os celtas, os iberos, os gregos dentre outros.

O contato com esses povos cria uma situação de bilinguismo, o que, no entanto, não impediu que o latim fosse, como afirma Leite de Vasconcellos (1926, p. 23), “A principal fonte que contribui para a formação do léxico português [...]”. Ela, porém, não é a única fonte desse léxico, como o mesmo Leite de Vasconcellos (*op. cit.*, p.24) deixa entrever na seguinte passagem: “Os Romanos introduziram no seu vocabulário comum palavras das línguas que encontraram na Península, as quais continuam hoje, em parte, a viver.” Ou seja, a língua latina incorpora ao seu léxico palavras originadas de outras línguas com as quais os Romanos mantinham contato, e essas palavras, a seguir, passarão a constituir o léxico português, via latim.

Tem-se, portanto, nesse processo, a introdução dos primeiros estrangeirismos na língua portuguesa. Ao longo de sua história a língua portuguesa incorporou, ainda, ao seu léxico estrangeirismos quando ainda se estava formando, já depois de surgida e após ser difundida para outras terras, como América e África. Antes de apresentar-se, no entanto, alguns desses exemplos de estrangeirismos presentes no léxico da língua portuguesa, far-se-ão algumas considerações teóricas sobre esse tema, com foco na sua caracterização e em seu conceito.

### 3. *Estrangeirismos: características e conceituação*

Até que a Península Ibérica fosse romanizada totalmente, se é que isso aconteceu, tem-se um logo período durante o qual os romanos mantiveram contato com os povos que habitavam essa região. Como resultado desse contato tem-se a introdução na língua latina de palavras que pertencem às línguas desses antigos habitantes. Com isso, é possível afirmar que o empréstimo de palavras de uma língua não se deve à ação de um indivíduo, pois, como afirma Saussure (2002), este não tem a força para provocar tal alteração na língua, uma vez que a língua, em vez de individual, é social.

O empréstimo resulta, portanto, de uma influência de uma língua sobre outra, fato esse que pode estar vinculado a outro tipo de influência, a cultural: “O tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra, é o ‘empréstimo’ de vocábulos. Sempre que há empréstimo cultural, há probabilidade de empréstimo para os termos correspondentes” (SAPIR, 1971, p. 193).

Semelhante posicionamento acerca da origem de uma importação vocabular encontra-se em Machado (1994, p. 6), quando diz que “Resulta esta dos contatos com outros povos, fornecedores de novos conceitos que os beneficiados nem sempre conseguem designar como elementos do seu fundo vocabular, do seu léxico preexistente.” Isso, ainda segundo Machado (*op. cit.*, p. 14), ocorre porque “O progresso e a cada vez maior facilidade nas comunicações constituem decisivos meios para acelerar a importação lexical em todos os idiomas”.

Considerando essas informações, é possível afirmar que o estrangeirismo não é um fato incomum ou de pouca regularidade na língua, uma vez que é muito frequente o contato entre povos e línguas, a partir do que se pode ter a influência de um povo/uma língua sobre outro/a, ficando clara a possibilidade de incorporação de novos vocábulos, oriundos de outras línguas, a essa língua que está sob influência. (E se considerar-se a história da língua portuguesa, isso fica ainda mais evidente.)

Essa consonância de que o estrangeirismo pode ser resultado do contato cultural e, portanto, linguístico não se repete no que diz respeito ao aspecto conceitual, encontrando-se, pois, entre os autores que discutem esse tema, divergências quanto ao que seja o estrangeirismo. Assim, em Cunha (2003, p. 5-6) encontra-se a distinção entre *estrangeirismo* e *palavra estrangeira*. Segundo esse autor (p. 5), “*estrangeirismo* [é] aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (palavra esta que não pertence, portanto, ao nosso patrimônio latino) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada” (destaque do autor). Como exemplos de estrangeirismo, esse autor apresenta palavra tais quais

*gazetilha* (do castelhano *gacetilla*), *corbelha* (do francês *corbeille*), *maestro* (do italiano *maestro*), *futebol* (do inglês *football*), *tatu* (do tupi *ta'tu*), *quilombo* (do quibundo *ki'loMo*), *alfaiate* (do árabe *al'hayyât*), *catre* (do tamul *kat-til*), *chá* (do chinês *ch'a*), *bonzo* (do japonês *bôzu*). (*loc. cit.*, destaques do autor).

Já abordando o tema *palavra estrangeira*, Cunha diz: “[...] consideramos *palavra estrangeira* aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais frequentemente, na linguagem da im-

prensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma.” (p. 6). Ainda segundo Cunha (*loc. cit.*) “São *palavras estrangeiras*, entre muitas outras, as francesas *aplomb*, *tableau* e *vaudeville*, as italianas *dolce*, *scherzando* e *spiccato*, as inglesas *handcap*, *inch* e *show* e as alemãs *Anschluss*, *Blitz* e *Krach*”.

Machado (1994, p. 13), diferentemente de Cunha (*op. cit.*), não distingue estrangeirismo de palavra estrangeira, quando, referindo-se às palavras estrangeiras, diz: “Tenho-as encontrado na linguagem oral, em jornais, revistas e livros sobre os mais variados assuntos, incluindo mesmo estudos que enumeram e condenam estrangeirismos”.

Observa-se, assim, que, para Machado, constituem estrangeirismo tanto as palavras que pertencem ao português e foram adaptadas a ele – na terminologia de Cunha – quanto as que não foram. Aquela distinção estabelecida por Cunha parece-nos, ainda, imprópria, sobretudo se considerarmos que tanto o estrangeirismo quanto a palavra estrangeira são constituídos de palavras, isto é, são palavras que vieram de outra língua para o português. Noutras palavras, isso significa que o estrangeirismo também é uma palavra estrangeira que passou a integrar o léxico da língua portuguesa.

Outra objeção para essa distinção entre estrangeirismo e palavra estrangeira, conforme estabelecida por Cunha acima, é o fato de existirem em português, como demonstra Neves (2010, p. 253), palavras cuja “forma gráfica original inglesa convive com uma palavra aportuguesada”, o que significa dizer que ocorre o emprego dessa palavra tanto em sua forma adaptada ao português como em sua forma não adaptada. Dentre as palavras que possuem esta característica Neves (*loc. cit.*) aponta, por exemplo, *bang-bang* – banguê-banguê, *baseball* – beisebol, *box* – box, *cartoon* – cartun, *cocktail* – coquetel, *container* – continer.

Nesse sentido, conceber-se-á estrangeirismo em conformidade com Garcez e Zilles (In: FARACO, 2002, p. 15), que afirmam:

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de um fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo.

Não se estabelecerá, portanto, aqui, a distinção entre estrangeirismo e palavra estrangeira.

#### 4. *Estrangeirismos na língua portuguesa: uma abordagem histórica*

Em discussão sobre o tema estrangeirismo, Machado (1994, p. 14) diz: “Não deve haver idiomas sem estrangeirismos e alguns destes também em Português não são de hoje nem de ontem, pois já tem idade de vários séculos [...]”. Essa percepção de Machado quanto ao fato de que a presença de estrangeirismos na língua portuguesa é algo que remonta a uma fase bem anterior da língua portuguesa muito vem reforçar a discussão aqui empreendida quanto ao fato de que a presença de estrangeirismos nesta língua não ser um fato de pouca regularidade.

Também a percepção dessa presença de vocábulos oriundos de outras línguas na constituição da língua portuguesa não é recente, pois, já no ano de 1606<sup>1</sup>, Duarte Nunes de Leão, em sua obra *Origem da Língua Portuguesa*<sup>2</sup>, já identificava esse tipo de vocábulos em português, embora ainda não empregasse o termo estrangeirismo.

Assim, nesta seção, serão apresentados alguns exemplos de estrangeirismos presentes na língua portuguesa apontando, também, a sua origem e o contexto sócio-histórico-cultural em que eles se enquadram.

##### 4.1. *Estrangeirismos no português herdados do latim*

Antes mesmo de dá origem à língua portuguesa, o latim já possuía vocábulos emprestados de outras línguas, os quais, posteriormente, foram transmitidos ao léxico português. Segundo Coutinho (1976, p. 189), “As palavras de procedências várias, que nos foram transmitidas pelos romanos, como as ibéricas, célticas, germânicas etc., foram primeiro alatinadas”.

---

<sup>1</sup> Embora disponível para consulta na *Internet* (e aqui vai um estrangeirismo), preferiu-se não fazer citação a partir desta obra, uma vez que um texto escrito nesse período possui muitas diferenças quando comparada a sua grafia com uma grafia mais atualizada. Desse modo, as citações e referências que serão apresentadas neste artigo foram retiradas de Leão (1983), o qual apresenta uma grafia mais atualizada, o que pode favorecer a sua leitura e (talvez) a sua compreensão.

<sup>2</sup> Esta sua obra apresenta capítulos como: “De alguns vocábulos portugueses tomados dos latinos que, pela corrupção que se deles fez, estão obscuros” (capítulo VIII); “Dos vocábulos que tomamos dos Gregos” (capítulo IX); “Dos vocábulos que os portugueses tomaram dos árabes” (capítulo X); “Dos vocábulos que os portugueses tomaram dos franceses” (capítulo XI); “Dos vocábulos que tomamos dos Italianos” (capítulo XII); “Dos vocábulos tomados dos alemães” (capítulo XIII); “Dos vocábulos que temos tomados dos hebreus e sírios” (capítulo XIV); “Dos vocábulos que nos ficaram dos godos” (capítulo XV); “Dos vocábulos que os Portugueses têm seus nativos, que não tomaram de outras gentes que nós saibamos” (capítulo XVI).

Ainda segundo Coutinho (*loc. cit.*), “Os vocábulo de origem ibérica, que se acham incorporados ao português, decorrem, em sua maior parte, do basco.” Veja no quadro abaixo algumas das palavras de origem ibérica indicadas por Coutinho:<sup>1</sup>

abarca	bezerro
arroio	bizarro
bafa	cama
balsa	esquerdo
barro	garra

QUADRO 1 – Estrangeirismos de origem ibérica

Outros vocábulo de origem pré-romana que constituem o léxico português são de origem céltica, os quais

são muito antigos, pois penetraram no latim quando os romanos entraram em luta com os gauleses da Itália (século IV a.C.). A maioria, porém, é de introdução mais recente, pois data da conquista da Península Ibérica ou da Gália. (COUTINHO, *op. cit.*, p. 189).

Muitos desses vocábulo se encontram incorporados ao português, sendo que, de tão comum ser o seu emprego no nosso dia-a-dia, já nem percebemos essa sua origem estrangeira. No quadro a seguir são apresentados alguns desses exemplos, em conformidade com Coutinho (*op. cit.*, p. 189):

Bico	carpinteiro
Cabana	carro
Cambiar	cerveja
Caminho	duna
Camisa	gato

QUADRO 2 - Estrangeirismos de origem céltica

Dentre os vocábulo estrangeiros apontados por Leão (1983, p. 235ss) muitos são de origem latina, dentre os quais se apresentam os abaixo<sup>2</sup>:

<sup>1</sup> Em nenhum dos exemplos de estrangeirismos que serão apresentados neste artigo visa-se à exaustão. Desse modo, o objetivo é demonstrar a relação sócio-histórica e cultural desses vocábulo com o português, o que se julga ser suficiente com a indicação de alguns exemplos, juntamente com a análise deles junto ao contexto em que foram introduzidos.

<sup>2</sup> Saliente-se, aqui, que não será discutido neste artigo se Leão indicou ou não a origem correta das palavras que ele apresenta como estrangeiras, uma vez que isso não é importante para a discussão sobre o tema estrangeirismo aqui empreendida. Considera-se mais importante que isso a percepção do autor de que tais palavras se tratam de palavras de origem estrangeira à língua portuguesa.

abegoaria – de <i>pecuária</i>	deitar – de <i>jectare</i>
adestrar – de <i>Dexter</i>	desabrate – de <i>disparatum</i>
adro – de <i>atrium</i>	dobrar – de <i>duplicare</i>
arreijar – de <i>radicare</i>	mexer – de <i>misceo, -es</i>
assoprar – de <i>sufflare</i>	molho – de <i>manipulus</i>

QUADRO 3 - Estrangeirismos de origem latina

Noutro momento – no capítulo IX –, Leão (*op. cit.*, p. 241-242) continua a sua apresentação de palavras que compõem o léxico da língua portuguesa, mas que vieram de empréstimos de outras línguas, configurando-se como palavras estrangeiras. As palavras da vez são as originadas da língua grega, tais como:

alampada – de <i>lampas, -dis</i>	fragata – forte <i>ab aphrata</i>
caixa – de <i>capsa</i>	goivo – de <i>leucoio</i>
crónica – de <i>chronos</i>	guitarra – de <i>cythara</i>
espada – de <i>spatha</i>	harmonia – de <i>harmonia</i>
esquerdo – de <i>sinister</i>	mecha – de <i>mixus</i>

QUADRO 4 - Estrangeirismos de origem grega

Além destes, Leão (*op. cit.*, p. 243-249) também aponta, no léxico português, vocábulos de origem árabe, como consequência do longo período em que os árabes dominaram a Península Ibérica. Este autor traz, dentre outros, os seguintes exemplos:

açafrão	açude
acelga	alfândega
açofar	alforria
açúcar	alfazema
açucena	algodão

QUADRO 5 - Estrangeirismos de origem árabe

É, portanto, significativa a presença desses vocábulos estrangeiros na língua portuguesa já em sua fase inicial, os quais são resultados da “herança” lexical que o português tem do latim. Essa presença pode, ainda, ser realçada se se considerar que as línguas que foram aqui citadas como contribuindo com a formação lexical do latim – e por consequência do português – são alguns exemplos – talvez os mais significativos –, não constituindo todos.

Uma vez que não se visa à exaustão, esses exemplos serão considerados suficientes para ilustrar a presença de estrangeirismos nesse momento da língua portuguesa. Outros estrangeirismos, no entanto, serão incorporados em suas fases seguintes, do que, a seguir, serão apresentadas algumas informações.

#### 4.2. Estrangeirismos incorporados ao português já depois de sua constituição

A constituição da língua portuguesa não cessou a incorporação de vocábulos estrangeiros, uma vez que ela continuou mantendo contato com outras línguas. A história da língua portuguesa revela, portanto, uma longa trajetória de assimilação lexical de línguas que lhes são estranhas, ou melhor, de palavras estrangeiras, identificando-se desde elementos pré-romanos a elementos que passaram a compor o seu léxico já a partir do século XV:

Constituída nos fins da Idade-Média (sic) com elementos célticos, latinos, gregos, árabes e góticos, a língua portuguesa tem recebido nos últimos cinco séculos as mais variadas contribuições, desde a influência do francês, até á (sic) do tupi, do quinchua, do carafba, na América; do quimbundo e dialectos cafreais, na África; do chinês, do tâmul, do malaio, na Ásia e na Oceania. (FIGUEIREDO, 1938, p.8)

Com relação aos estrangeirismos provenientes da França, Teyssier (2007, p. 40) assim os caracteriza:

A influência da língua d'oïl e da língua d'oc é muito forte durante o período do galego-português, e explica-se por uma série de causas convergentes: presença da dinastia de Borgonha, implantação dos Ordens de Cluny e de Cister, chegada a Portugal de numerosos franceses do Norte e do Sul, influência direta da literatura provençal, etc. Daí os numerosos empréstimos vocabulares [...].

São vocábulos de origem francesa, segundo Leão (*op. cit.*, p. 251-262):

abaixar – <i>abaisser</i>	arpa – <i>arpe</i>
abater – <i>abattre</i>	arrancar – <i>arrancher</i>
abrasar – <i>abraser</i>	assaz – <i>assez</i>
acabar – <i>achever</i>	avisar – <i>aviser</i>
acostar – <i>acoster</i>	balança – <i>balance</i>

QUADRO 6 - Estrangeirismos de origem francesa

Muitos, também, são os vocábulos que constituem o léxico português oriundos da língua italiana, dentre os quais Leão cita (*op. cit.*, p. 263-267):

abastança – <i>bastanza</i>	desenho – <i>dissegno</i>
atiçar – <i>atizzare</i>	estandarte – <i>stendardo</i>
atilado – <i>attilato</i>	estragar – <i>stratiare</i>
barril – <i>barrile</i>	falar – <i>favellare</i>
baixo – <i>basso</i>	pavilhão – <i>padiglione</i>

QUADRO 7 - Estrangeirismos de origem italiana

Além desses vocábulos oriundos do latim e/ou via latim e de outros incorporados a partir do contato com outras línguas europeias, a difusão o português por outros continentes também foi responsável por seu enriquecimento vocabular, como afirma Figueiredo (*op. cit.*, p.8): “A difusão do domínio português em terras descobertas ou conquistadas por nós determinou uma larga assimilação, natural e geralmente benéfica, da lexicologia da região conquista ou descoberta.”

No Brasil, por exemplo, a língua portuguesa esteve em contato, a partir do século XVI, com as línguas indígenas e com as línguas dos negros africanos que para cá vieram. Esse contato resultou na incorporação ao léxico do português de um grande número de palavras, como as presentes no quadro a seguir retiradas de Houaiss 1985, p. 58-65), a partir das inúmeras que ele indica:

abacaxi	Aguapé
abaeté	Aipim
acará	Anajá
acauã	Ananás
açaí	Anhaguera

QUADRO 8 - Estrangeirismos de origem indígena

O contato do português com a língua dos africanos também trouxe um grande número de vocábulos para o seu léxico, como se identifica das palavras a seguir de Ilari e Basso (2009, p. 74): “O que está fora de dúvida é que o português do Brasil tem enorme dívida para com as línguas africanas, que se manifesta particularmente na assimilação de palavras originadas do quimbundo e do iorubá.” Dentre as palavras que esses autores apresentam como sendo de origem africana, estão as do quadro abaixo:

bambá	Cacimba
banzo	Caçula
bengala	Cafuné
bunda	Calombo
cachimbo	Cambada

QUADRO 9 - Estrangeirismos de origem africana

Em épocas mais recentes, a língua portuguesa continuou/continua incorporando palavras oriundas de outras línguas, mas não das mesmas línguas com as quais o latim (antes da origem daquela) esteve em contato ou com as diversas línguas com as quais entrou em contato ao longo dos séculos de expansão ultramarina e seguintes (XV, XVI e XVII), numa demonstração de que o estrangeirismo em língua portuguesa pode ser associado ao contexto sócio-histórico e cultural do qual ela faz parte.

## 5. Conclusões

Ao longo deste artigo procurou-se evidenciar que a origem de palavras de outras línguas no léxico português não é uma exclusividade dos tempos de globalização. A incorporação de palavras estrangeiras, no entanto, não torna uma língua inferior ou superior linguisticamente a outra língua. Aliás, esse tipo de análise não é linguística, mas de cunho social.

Com o que se demonstrou neste artigo, observa-se, portanto, que a incorporação de palavras estrangeiras no léxico da língua portuguesa é um processo contínuo – podendo-se dizer até que sem interrupções –, visto que desde sua origem há empréstimos de palavras junto a outras línguas. Assim, houve empréstimos da língua latina, dos gregos, dos árabes, dos franceses, dos italianos, dos índios, dos africanos etc.

É importante também destacar que esses empréstimos sempre estão situados em determinado contexto de relacionamento social e cultural dos falantes da língua portuguesa com o contexto social e cultural em que se encontram os povos com os quais o português manteve contato ao longo de sua história.

O estrangeirismo, portanto, não deteriora nem contribui para a desagregação de uma língua, uma vez que, ao longo de seus 08 (oito) séculos de história, a língua portuguesa sempre esteve envolta com palavras originadas de outras línguas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas, 2003.

FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Estrangeirismos: resenha alfabética e crítica de centenares de vocábulos e locuções estranhas indevidamente usadas em nossa linguagem oral e escrita*. 5. ed. v. 1. Lisboa: Clássica, 1938.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. *Estrangeirismos: desejos e ameaças*. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004, p. 15-36.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LEÃO, Duarte Nunes de. *Origem da língua portuguesa*. Lisboa: sem editora, 1606. Disponível em: <http://purl.pt/50>. Acesso em: 10 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. *Lições de filologia portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

MACHADO, José Pedro. *Origens do português: ensaios*. 2. ed. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1967.

\_\_\_\_\_. *Estrangeirismos na língua portuguesa*. Lisboa: Notícias, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de língua-gem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

REBELO, Aldo. *Projeto de Lei n. 1676 de 1999*. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências. Sala das Sessões, em 28 de março de 2001. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/153443.pdf>.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Secheyaye. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução Celso Cunha. 3 ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.